

Os Efeitos da Desinformação

Nara Pavão²⁵

O que sabemos sobre os efeitos da desinformação?

Em relação às consequências ou potenciais danos políticos da desinformação, os estudos empíricos se dividem em dois campos: de um lado, alguns estudos mostram que a desinformação não possui efeitos de persuasão e que, portanto, esse tipo de comunicação não é capaz de alterar significativamente as crenças e preferências dos cidadãos; de outro lado, certos estudos olham para além dos efeitos de persuasão da desinformação e alertam para os potenciais efeitos negativos desse tipo de comunicação sobre atitudes e comportamentos políticos importantes.

Os estudos, no primeiro desses dois campos, sugerem que fake news e outros tipos de desinformação são improváveis de persuadir eleitores (Guess *et al.*, 2020; Little, 2018) ou de afetar diretamente os resultados das eleições (Allcott and Gentzkow, 2017). Esse ceticismo baseia-se em evidências abundantes que indicam que a exposição e o consumo de desinformação estão fortemente associados às identidades políticas e ao fenômeno do raciocínio motivado (Berinsky, 2017; Flynn *et al.*, 2017; Nyhan and Reifler, 2010; Batista Pereira *et al.*, 2022; Nyhan, 2020), de modo que esse conteúdo pode reforçar crenças existentes, mas não alterar significativamente a opinião dos cidadãos (Miller *et al.*, 2016; Galliford and Furnham, 2017). Portanto, esses estudos levantam a possibilidade de que as preocupações sobre a política pós-verdade sejam exageradas (Nyhan, 2020).

Por outro lado, estudos que têm investigado os efeitos da desinformação para além da pura persuasão apresentam achados importantes, que nos alertam para os potenciais danos políticos e sociais que esse tipo de conteúdo pode causar. De forma geral, tais estudos investigam como a desinformação (compreendida aqui como fake news e teorias conspiratórias) afeta três elementos, a saber: atitudes diretamente relacionadas à democracia; atitudes e comportamentos não normativos de forma mais geral; e polarização. Esses três grupos de estudos serão descritos a seguir.

²⁵ Professora Assistente do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Coordenadora do AT de Comportamento Político da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP). Recebi o título de PhD em Ciência Política (Política Comparada) pela University of Notre Dame, mestra em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Realizou pós-doutorado no Center for the Study of Democratic Institutions (CSDI) da Vanderbilt University. Suas produções buscam compreender o funcionamento do accountability democrático e a dinâmica da desinformação no Brasil.

As consequências da desinformação para a democracia

A desinformação, principalmente aquela de natureza eleitoral, pode ser particularmente danosa à democracia por ter o potencial de afetar percepções sobre a integridade eleitoral, entendidas como “confiança na imparcialidade, honestidade e legitimidade dos procedimentos e resultados eleitorais” (Norris *et al.*, 2020). Essas percepções de integridade eleitoral são, por sua vez, de grande importância pois moldam a legitimidade democrática e outras atitudes políticas importantes. A confiança nas eleições aumenta a participação política e a votação (Birch, 2010; Carreras and Irepoglu, 2013) e afeta positivamente diferentes medidas de apoio ao sistema democrático (Norris, 2014; Albertson and Guiler, 2020).

Crenças em fraude eleitoral, como as encontradas no Brasil, são recebidas com alarme, pois acredita-se que promovem a violência política (Karp *et al.*, 2018; Calvillo *et al.*, 2021) e minam a disposição dos eleitores em aceitar os resultados das eleições (Anderson *et al.*, 2005; Sances and Stewart III, 2015). Elas também têm servido como justificativa para mudanças controversas nas leis de identificação de eleitores nos Estados Unidos (Stewart III *et al.*, 2016; Kane, 2017; Sances and Stewart III, 2015; Edelson *et al.*, 2017). Esse tipo de crença é tão preocupante que veículos de mídia tradicionais e plataformas de mídia social têm participado de iniciativas para limitar a disseminação de desinformação relacionada à integridade das eleições, resultando em centenas de milhões de dólares em acordos legais por difamação (Enders *et al.*, 2021). É importante notar que as percepções sobre integridade eleitoral receberam atenção renovada, à medida que líderes políticos proeminentes em democracias ao redor do mundo endossaram abertamente narrativas de fraude eleitoral e as trouxeram para o centro de suas campanhas políticas.

Vale ressaltar que a maioria dos estudos que tentam avaliar as implicações da desinformação para a democracia são correlacionais e produzem resultados mistos. Por exemplo, Swami *et al.* (2010, 2011) descobrem que quanto mais britânicos acreditam em teorias conspiratórias específicas sobre o 11 de setembro ou os ataques de Londres em 2005, maior é o apoio deles à democracia. Pantazi *et al.* (2021) constatam que a crença em teorias conspiratórias sobre política está negativamente associada ao apoio à democracia representativa, mas positivamente correlacionada ao apoio à democracia direta.

Finalmente, em um estudo em larga escala sobre a mentalidade conspiratória em 26 países, (Imhoff *et al.* 2022) observam uma relação linear positiva entre uma mentalidade conspiratória mais forte e o apoio a partidos políticos autoritários. Como a crença em fake news e teorias conspiratórias é endógena a diversas características individuais psicológicas, políticas e demográficas (Douglas *et al.*, 2017; Dyrendal *et al.*, 2021), esses estudos não revelam muito sobre os efeitos causais da desinformação.

Porém, estudos mais recentes têm investigado o efeito causal propriamente dito da desinformação. Tais estudos nos ajudam a pensar com maior rigor sobre os efeitos reais da desinformação e como combater de maneira efetiva esse problema. Eles mostram que a desinformação (fake news e teorias conspiratórias) promove redução da confiança no governo e nas instituições (Einstein and Glick, 2013) e menores intenções de se envolver no processo político (Jolley and Douglas, 2014) e de participar de ações relacionadas à eleição (Batista Pereira et al., 2023). Poucos estudos olham diretamente para os efeitos da desinformação sobre a democracia ou atitudes democráticas propriamente ditas. As duas exceções são Albertson and Guiler (2020) e Amaral et al. (2023), que investigam se a exposição a teorias conspiratórias sobre política afeta o apoio à democracia. Ambos os estudos encontram evidências que comprovam o efeito causal negativo das teorias conspiratórias para a democracia.

Mais importante ainda, estudos causais mostram que a desinformação política produz comportamentos e atitudes políticas não normativas (Imhoff *et al.*, 2021), preconceito em relação a grupos religiosos e étnicos (Nyhan and Zeitzoff, 2018), atitudes populistas (Hameleers, 2021) e apoio a ações políticas violentas ou radicais (Vegetti and Littvay, 2021). Por fim, acredita-se que a desinformação pode também promover um aumento da polarização política. Até o momento, poucos estudos avaliaram empiricamente a relação causal entre desinformação e polarização e os achados são inconclusivos. Dois estudos recentes conduzidos no Brasil (Amaral *et al.*, 2023; Batista Pereira *et al.*, 2023) não encontram evidência de que a exposição à desinformação (fake news e teorias conspiratórias) ajuda a polarizar os cidadãos.

Referências

ALBERTSON, B; GUILER; K. Conspiracy theories, election rigging, and support for democratic norms. **Research & Politics**, 7(3):2053168020959859, 2020.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **The Journal of Economic Perspectives**, 31(2):211–235, 2017. ISSN 08953309. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44235006>. Acesso em: dez. 2023.

AMARAL, M.; BORBA, L.; LESSA, E.; LIRA, V.; PAVÃO, N. **Do conspiracy theories undermine support for democracy?** Experimental evidence from Brazil. 2023.

ANDERSON, C. J.; BLAIS, A.; BOWLER, S.; DONOVAN, T.; LISTHAUG, O. **Losers' consent:** Elections and democratic legitimacy. OUP Oxford, 2005.

PEREIRA, F. B.; BUENO, N. S.; NUNES, F. and PAVÃO, N. Fakenews, fact checking, and partisanship: The resilience of rumors in the 2018 brazilian elections.

Journal of Politics, 2022.

PEREIRA, F. B.; BUENO, N. S.; NUNES, F.; PAVÃO, N. and WIRTSCHAFTER, V. **The (de) mobilizing effects of misinformation: Evidence from Brazil**. 2023.

BERINSKY, A. J. Rumors and health care reform: Experiments in political misinformation. **British Journal of Political Science**, 47(2):241–262, 2017. doi: 10.1017/S0007123415000186.

BIRCH, S. Perceptions of electoral fairness and voter turnout. **Comparative political studies**, 43(12):1601–1622, 2010.

CALVILLO, D. P.; RUTCHICK, A. M. and GARCIA, R. J. Individual differences in belief in fake news about election fraud after the 2020 US election. **Behavioral Sciences**, 11(12):175, 2021.

CARRERAS, M. and IREPOG˜LU, Y. Trust in elections, vote buying, and turnout in Latin America. **Electoral Studies**, 32(4):609–619, 2013.

DOUGLAS, K. M.; SUTTON, R. M. and CICHOCKA, A. **The psychology of conspiracy theories**. *Current directions in psychological science*, 26(6):538–542, 2017.

DYRENDAL, A.; KENNAIR, L. E. O.; and Bendixen, M. Predictors of belief in conspiracy theory: The role of individual differences in schizotypal traits, paranormal beliefs, social dominance orientation, right wing authoritarianism and conspiracy mentality. **Personality and individual differences**, 173:110645, 2021.

EDELSON, J.; ALDUNCIN, A.; KREWSON, C.; SIEJA, J. A. and USCINSKI, J. E.

The effect of conspiratorial thinking and motivated reasoning on belief in election fraud. **Political Research Quarterly**, 70(4):933–946, 2017.

EINSTEIN, K. L. and GLICK, D. M. Scandals, conspiracies and the vicious cycle of cynicism. **In Annual Meeting of the American Political Science Association**, 2013.

ENDERS, A. M.; USCINSKI, J. E.; KLOFSTAD, C. A.; PREMARATNE, K.; SEELIG, M. I.; WUCHTY, S.; MURTHI, M. N. and FUNCHION, J. R. The 2020 presidential election and beliefs about fraud: Continuity or change? **Electoral studies**, 72:102366, 2021.

FLYNN, D.; NYHAN, B. and REIFLER, J. The nature and origins of misperceptions: Understanding false and unsupported beliefs about politics. **Political Psychology**, 38(S1): 127–150, 2017. doi: 10.1111/pops.12394. URL <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/pops.12394>.

GALLIFORD, N. and FURNHAM, A. Individual difference factors and beliefs in medical and political conspiracy theories. **Scandinavian journal of psychology**, 58(5):422–428, 2017.

GUESS, A.; LOCKETT, D.; LYONS, B.; MONTGOMERY, J.; NYHAN, B. and REIFLER, J. “fake news” may have limited effects on political participation beyond increasing beliefs in false claims. **Harvard Kennedy School Misinformation Review**, 1, 01 2020.

HAMELEERS, M. They are selling themselves out to the enemy! the content and effects of populist conspiracy theories. **International Journal of Public Opinion Research**, 33 (1):38–56, 2021.

IMHOFF, R.; DIETERLE, L. and P. LAMBERTY. Resolving the puzzle of conspiracy worldview and political activism: Belief in secret plots decreases normative but increases nonnormative political engagement. **Social Psychological and Personality Science**, 12(1):71–79, 2021.

IMHOFF, R.; ZIMMER, F.; KLEIN, O.; ANTÓNIO, J. H.; BABINSKA, M.; BANGERTER, A.; BILEWICZ, M.; BLANUS, A. N.; BOVAN, K.; BUZÁROVSKA, R. et al. Conspiracy mentality and political orientation across 26 countries. **Nature human behaviour**, 6(3):392–403, 2022.

JOLLEY, D. and DOUGLAS, K. M. The social consequences of conspiracism: Exposure to conspiracy theories decreases intentions to engage in politics and to reduce one’s carbon footprint. **British Journal of Psychology**, 105(1):35–56, 2014.

KANE, J. V. Why can’t we agree on id? partisanship, perceptions of fraud, and public support for voter identification laws. **Public Opinion Quarterly**, 81(4):943–955, 2017.

KARP, J. A.; NAI, A. and NORRIS, P. Dial ‘f’ for fraud: Explaining citizens suspicions about elections. **Electoral Studies**, 53:11–19, 2018.

LITTLE, A. T. Fake news, propaganda, and lies can be pervasive even if they aren’t persuasive. **Comparative Politics Newsletter**, 28(2):49–55, 2018.

MILLER, J. M.; SAUNDERS, K. L. and FARHART, C. E. Conspiracy endorsement as motivated reasoning: The moderating roles of political knowledge and trust. **American Journal of Political Science**, 60(4):824–844, 2016.

NORRIS, P. Why electoral integrity matters. **Cambridge University Press**, 2014.

NORRIS, P. GARNETT, H. A. and GROMPING, M. The paranoid style of american elections: explaining perceptions of electoral integrity in an age of populism. **Journal of elections, public opinion and parties**, 30(1):105–125, 2020.

NYHAN, B. Facts and myths about misperceptions. **Journal of Economic Perspectives**, 34(3):220–36, August 2020. doi: 10.1257/jep.34.3.220. URL <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.34.3.220>.

NYHAN, B. and REIFLER, J. When corrections fail: The persistence of political misperceptions. **Political Behavior**, 32(2):303–330, Jun 2010. ISSN 1573-6687. doi: 10.1007/s11109-010-9112-2. URL <https://doi.org/10.1007/s11109-010-9112-2>.

NYHAN, B. and ZEITZOFF, T. Conspiracy and misperception belief in the middle east and north africa. **The Journal of Politics**, 80(4):1400–1404, 2018.

PANTAZI, M.; PAPAIOANNOU, K. and PROOIJEN, J. W. van. Power to the people: The hidden link between support for direct democracy and belief in conspiracy theories. **Political Psychology**, 2021.

SANCES, M. W. and STEWART III, C. Partisanship and confidence in the vote count: Evidence from us national elections since 2000. **Electoral Studies**, 40:176–188, 2015.

STEWART III, C.; ANSOLABEHRE, S. and PERSILY, N. Revisiting public opinion on voter identification and voter fraud in an era of increasing partisan polarization. **Stanford Law Review**, 68(6):1455–1489, 2016.

SWAMI, V.; CHAMORRO-PREMUZIC, T. and FURNHAM, A. Unanswered questions: A preliminary investigation of personality and individual difference predictors of 9/11 conspiracist beliefs. **Applied Cognitive Psychology**, 24(6):749–761, 2010.

SWAMI, V.; COLES, R.; STIEGER, S.; PIETSCHNIG, J.; FURNHAM, A.; REHIM, S. and VORACEK, M. Conspiracist ideation in britain and austria: Evidence of a monological belief system and associations between individual psychological differences and real-world and fictitious conspiracy theories. **British Journal of Psychology**, 102(3):443–463, 2011.

VEGETTI, F. and LITTVAY, L. **Belief in conspiracy theories, aggression, and attitudes towards political violence**. 2021.